

O Assistente ao Emigrante



Órgão do Sindicato Nacional dos Empregados da Assistência aos Emigrantes em Navios Estrangeiros do Districto de Lisboa

Redacção e Administração:

RUA FERNANDES TOMAZ, 20-1.º
TELEFONE 28605

DIRECTOR: Bernardino dos Santos
EDITOR: Cesário dos Santos Monteiro
Propriedade do S. N. E. A. E. M. E.

Composição e impressão:

CALÇADA DOS CAETANOS, 18
TELEFONE 21450

BARRA FORA... O art. 52.º e a classe BARRA FORA...

Um caso estranho, no Funchal

A nossa redacção chegou a informação de que do Funchal estão partindo para a Ilha Coração vários grupos de emigrantes portugueses embarcados nos vapores holandeses, sem que levem pessoal de assistência.

No próximo número abordaremos o assunto, pois já temos em nosso poder os elementos necessários.

Mais um, infelizmente...

Não temos prazer nenhum em inserir nas nossas colunas notícias desta espécie, e se o fazemos é porque a isso somos forçados pela necessidade de nos defendermos.

Há no quadro de enfermeiros do Porto, um camarada, o Sr. António Assis de Andrade, que, não sabemos porquê, quer no Norte, quer em portos estrangeiros, a bordo ou em qualquer parte, se entretém a desfazer no nosso Sindicato, fazendo injustas afirmações sobre a direcção do Sindicato de Lisboa, atitude inglória e desleal.

Pois que tanto desejamos manter as boas relações com e em especial com os camaradas do Norte, lamentamos o procedimento de António Andrade.

E fazemos mais: convidamo-lo a visitar a nossa sede para que com documentos e com seus próprios olhos verifique a injustiça da sua conduta.

Endereços

Vária correspondência e até o nosso jornal, nos tem sido devolvido com a indicação de que os destinatários não residem lá.

Já várias vezes temos solicitado aos associados que avisem a Secretaria das mudanças de residência, pois que podem ser prejudicados enormemente por esse facto.

Pode haver necessidade de uma chamada urgente para embarque, ou qualquer outra comunicação e uma vez não encontrado, o sócio é dado em falta, de que lhe pode resultar pesado castigo. Igualmente agradecemos nos informem da falta de recebimento do jornal.

Entre tantas incoerências que abundam no Regulamento dos Serviços de Emigração, o artigo 52.º é uma das que mais tem dado que falar.

Várias são as questões que se tem suscitado a bordo entre o pessoal e os dirigentes do navio, e nelas intervêm sempre os médicos-inspectores portugueses, que geralmente acabam por nada resolver, confessando uns a sua ignorância e confirmando outros a dificuldade interpretativa do referido artigo.

Vamos transcrevê-lo para o analisarmos em detalhe:

Eis o artigo 52.º — *Os serviços a prestar aos emigrantes portugueses, bem como os referentes à limpeza e arranjo das suas instalações, não poderão ser executados por criados de nacionalidade estrangeira; mas os criados portugueses não poderão recusar-se a prestar quaisquer outros serviços da mesma natureza que lhes sejam distribuídos pelos chefes do pessoal de bordo, sem prejuízo dos serviços a que são obrigados pelo presente regulamento.*

Nós compreendemos assim: o pessoal português é o único ao qual pertence fazer, a bordo, todo o serviço da especialidade de cada um, que se relacione com passageiros portugueses.

Portugueses, apenas, fixe-se bém.

Fora disso, isto é, quando não haja a bordo passageiros em número suficiente para dar trabalho ao pessoal português, na proporção do embarque, poderá o pessoal ser empregado noutros serviços, *da sua profissão*, acentue-se, que se não se relacionem com portugueses, mas logo que estes embarquem, o pessoal português deve abandonar os trabalhos que vinha executando e dedicar-se *exclusivamente* aos que digam respeito à passagem portuguesa.

Este deveria ter sido o pensamento do legislador.

Quando, porém, quiz transmitir ao papel o seu pensamento a forma atraçou-o, produzindo um texto vazio de sentido que se contradiz.

Analisemos: a primeira parte do artigo diz que *os serviços a prestar aos emigrantes... etc... não poderão ser executados por criados estrangeiros*. Logo se conclue que só os criados portugueses os poderão executar. Mas imediatamente a seguir diz o artigo: *mas os criados portugueses não poderão recusar-se a prestar quaisquer outros serviços da mesma natureza que lhes sejam distribuídos pelos chefes do pessoal de bordo etc.*

Em que ficamos: Se os chefes do pessoal de bordo têm a obrigação de não desviar o pessoal português do serviço dos emigrantes portugueses, não podem ficar com o direito de os mandar executar *quaisquer outros serviços*.

Poderiam, sim, mas somente no caso de não haver passageiros portugueses a bordo, e isto não o diz o artigo.

E esses *quaisquer outros serviços*, quais são?

Pintar vigias, carregar com bagagens do porão, carregar mantimentos, como é vulgar acontecer?

É o mais curioso e que, quando o pessoal apela para o médico inspector, este, geralmente, encolhe os ombros e diz... o pessoal não pode recusar-se.

Não haveria possibilidade do Ex.^{mo} Sr. Director dos Serviços esclarecer este artigo por uma circular a enviar aos Srs. médicos-inspectores e aos agentes das companhias estrangeiras?

Atestados para a Caixa

Conforme noticiamos no relato da assembleia, publicado noutro lugar, foi resolvido que as consultas que os associados tenham de fazer no médico privativo da Caixa de Auxílio, para efeito de recebimento do subsídio, passem a ser agora de conta da mesma Caixa.

Ficam portanto, avisados por este meio todos os associados que nada tem que pagar ao médico da Caixa, quando necessitem do atestado para entregar na sede, afim de receberem o subsídio.

Novo capitão do porto

Foi nomeado capitão do Porto de Lisboa, o Ex.^{mo} Sr. Capitão de Mar e Guerra, D. Carlos de Sousa Coutinho.

O novo chefe do Departamento Marítimo do Centro é um oficial dos mais distintos da nossa marinha, dotado de excepcionais qualidades.

A direcção do Sindicato foi hontem cumprimentar S. Ex.^a e apresentar-lhe as saudações da classe.

Acidente lamentavel

Um colega acaba de nos trazer a triste notícia de que o nosso querido amigo Sr. Ramos Pereira, ilustre director do jornal «Ecos de Portugal», de Buenos Aires, sofreu um acidente de automóvel naquela cidade.

Felizmente que os ferimentos não foram de gravidade, que esperamos que hoje já esteja completamente restabelecido.

Assim o desejamos fervorosamente, pois Ramos Pereira conta na classe, pelas suas raras qualidades, das mais sinceras simpatias.

Transcrições

O nosso presado colega «Ponto, traço» órgão dos camaradas telegrafistas e rádio telegrafistas, honrou-nos com a transcrição integral, no seu número de 1 de Agosto, do nosso *fundo* de 5 de Maio, intitulado «Verdades tristes».

Ao nosso colega agradecemos desvanecidos.

O COMÍCIO ANTI-COMUNISTA foi uma brilhante afirmação de fé nacionalista

O nosso Sindicato fez-se representar por 70 associados, mais de um terço do total de sócios e cêrca de 80% dos que se encontravam em terra

Nem direitas, nem esquerdas! Para a frente! Pelo engrandecimento da Nação! Pelo Estado Novo Corporativo!

Foram êstes os brados predominantes do grandioso comício anti-comunista que se realizou no passado dia 28, no Campo Pequeno.

Foi esta a nota de vibração dos trabalhadores sindicalizados corporativamente! Foi esta a convicção que os orientou na sua caminhada triunfal pela cidade, estandartes erguidos, marcha orgulhosa, na boca um brado ardente de fé nacionalista e no braço um gesto de saudação sincera a vincar a sua dedicação pela Pátria redimida!

Por Portugal! Por um Portugal Grande, por um Portugal Independente, por um Portugal Libertado de tutelas exteriores, venham de onde vierem!

A jornada brilhante do dia 28, não foi apenas uma manifestação contra o perigo comunista; foi mais nobre nas suas exteriorizações, foi mais elevada no seu significado! Foi acima de tudo uma demonstração de confiança nos homens que dirigem a Nação, uma afirmação de regosijo agradecido e também um oferecimento eloquente de vidas, para a defesa da Pátria e dos bons princípios que a norteiam.

Honremo-nos, pois, porque os trabalhadores portugueses souberam provar que são uma força da qual o Estado Novo Corporativo pode dispôr na altura própria.

E felicitemos de aqui, destas humildes colunas, em nome dum punhado de portugueses que o sabem ser, o português que dinamisa esta força, que impulsiona esta Vontade, de que o comício anti-comunista do dia 28 foi prova decisiva.

Felicitemos Salazar!

Não pode o nosso pequeno mensário, publicar desenvolvida reportagem do memorável comício. A imprensa diária já o fez com todos os permenores, é certo, mas não fugimos a tentação de arquivar nas nossas colunas algumas afirmações que vários oradores lá fizeram, tão grande nos parece a verdade que encerram e tão excelente a oportunidade com que foram pronunciadas.

A representação da Classe.

Desvaneceu-nos a nossa representação. Cêrca de 72 associados numa classe de 195, é apreciável digamos — brilhante mesmo.

Há que levar em linha de conta que dos 195 associados, perto de 70 andavam no mar.

Em contraste com as representações doutros Sindicatos, com população associativa de longe muito superior, o Sindicato do Pessoal de Emigração, foi dos de mais brilhante incorporação.

Emfim, cumprimos o nosso dever, de forma que nos deixou agradavelmente impressionados.

Algumas passagens dos discursos, o primeiro orador.

O primeiro a usar da palavra foi o sr. Gilberto de Almeida Arrotea, do Arsenal de Marinha.

Eis as suas últimas palavras:

«Nós não queremos a negação da Pátria e da Família. Queremos mostrar a todos os portugueses o perigo que começa a surgir. Para isso, de Norte a Sul de Portugal, se tem feito uma patriótica campanha contra os acontecimentos que desonram o Mundo civilizado. Vive-se neste momento uma hora aguerrida. Este comício organizou-se para condenação dos bárbaros que em Espanha pretendiam implantar um regime soviético de terror, que queriam também extensivo a Portugal. A reacção, porém, foi brutal e todos os portugueses dignos das tradições dos nossos Maiores, repudiam qualquer afinidade com tais processos de barbaria. Portuga linteiro condena o marxismo. E' o que se verifica com a afluência a êste comício, de portugueses de todos os pontos do País.

O Dr. Luiz Pinto Coelho, fala em nome da «Mocidade Portuguesa».

Como representante da mocidade portuguesa, o Dr. Luiz Pinto Coelho, teve afirmações brilhantíssimas. Eis algumas:

E' certo que está de pé em Portugal uma grande obra. Mas essa devemos-la a um grupo de homens extraordinário, que sustentaram com esforço hercúleo a Nação e o País quando à beira da perdição.

Mas êsse homens, que Deus nos deu, algum dia no-los levará também. Há pois, que assegurar a Portugal a continuidade da resistência, os ataques de dentro ou de fóra, ideológicos ou materiais, unidos ou separados.

Para isso nos propomos espalhar pelas novas gerações a boa semente do exemplo desses homens: o espírito da Revolução Nacional, a mentalidade do serviço da Grei.

A «Mocidade Portuguesa» votada moral e corporalmente à defesa de Portugal ousa, nesta hora solene, pedir aos supremos governamentais: Dai-nos um dos mais espinhosos lugares na marcha pelo caminho que conduz à vitória — a ofensiva.

O sr. Dr. Fernando Homem Cristo num discurso impressionante.

O ilustre assistente do S. N. T. foi um dos oradores mais calorosamente aplaudidos. A pequenês dêste mensário não nos permite transcrever todo o seu discurso, o que lamentamos.

O espectáculo do Mundo, nesta hora, é extraordinário e intenso e para quem sabe com lucidez ver o caminho e tem a certeza de chegar até ao fim, profundamente emocionante.

Assistimos a uma pejeja cerrada, e na aparência contraditória, de sentimentos e ideias. Lutam o bem e o mal, a verdade e a mentira, a beleza e fealdade. Por vezes a confusão é terrível. O que vos apontam como verdade de lei é moeda falsa com que vos querem corromper, e o que vos denunciam como mentira é a verdade verdadeira, a verdade eterna. O que se cita como ultramoderno é arqui-antigo, contemporâneo do homem das cavernas, da besta fera com figura humana, e o que se acusa de retrogrado é perenemente actual, porque é profundamente humano, no sentido nobre da palavra.

Depois de difinir o comunismo como doutrina sanguinária, e de afirmar o triunfo dos regimes nacionais-corporativistas, o orador, com autoridade que lhe dá o seu alto cargo no Instituto Nacional do trabalho, historia a acção dos Sindicatos Nacionais, em face dos seus inimigos. E' fa-lo nos mais calorosos termos:

Êste comício é contra o comunismo. Mas o comunismo deixou de ser uma doutrina susceptível de análises académicas para se tornar numa fera. E as feras só se podem contemplar enjauladas, ou mortas!

Estamos aqui para ver bem, à luz forte que nos vem de Espanha, o caso português. Para pensar direito, falar claro e querer vigorosamente. Para dizer verdades fortes e pedir actos viris!

O inimigo directo e mais temível é a besta mongoloide. Mas há outros. Há os que servem de pretexto àquele, os que entram quanto podem a Revolução Corporativa e o ressurgimento nacional, e que são: o egoísmo burgês e o conservantismo politico-económico.

Já o disse algures: o espírito conservador é o «Inimigo Público Número Um» do Estado Novo português. Já o disse também: certas pessoas ponderadas, timoratas e circunspectas que julgam ser colunas do Estado Novo, não passam de traves carunchosas que apenas deminuem a sua estabilidade.

Os Sindicatos Nacionais, tomando esta iniciativa quando ainda alguns creem na instalação do comunismo às portas da casa lusitana, mostraram mais uma vez o valor da doutrina que os enforma, do espírito que os anima, do ardente patriotismo que os impregna. Nobilitaram-se para sempre!

E' preciso agora que os elementos conservadores do patronato não se disponham deshonrosamente a redobrar de egoísmo em face do inevitável

triunfo dos heroicos nacionalistas espanhois! Salazar não o consentirá!

Se o comunismo é, de pronto, homicida, o conservador é, a prazo, suicida!

Tudo isto exprimiram os Sindicatos Nacionais ao adoptar num manifesto que espalharam há dias, a fórmula certa e justa: *Nem direitas, nem esquerdas. Para a frente!*

Nêsse manifesto, os Sindicatos Nacionais pediam ainda a Salazar que «quebrasse com mão dura as resistências suicidas do conservantismo burguês, intervindo mais a fundo, dentro dos limites da doutrina, na vida económica e na gestão patronal. E que se decuplicassem os meios legais e materiais, os recursos em homens e dinheiro» dos serviços públicos que cuidam dos trabalhadores «e que têm a altíssima missão de levar a cabo a revolução corporativa». Tudo, terminavam, «para que a Revolução continue... Mais depressa e melhor!»

Pois bem! Eu sei que é êsse o desejo, não sômente dos trabalhadores dos Sindicatos Nacionais, mas de todos os elementos do nacional cooperativismo português. Eu sei que é essa a aspiração de todos aqueles que, em algum tempo, lutaram sob as mesmas côres ou côres diferentes, servindo a doutrina que hoje é a de todos os doutrinas semelhantes. Eu sei que êsse é o voto que dezenas de milhares de portugueses válidos, de todas as classes, de todas as origens, de todas as condições. Eu sei que êsse é o querer dos melhores portugueses, de todos os que, novos de corpo ou de alma, estão decididos a dar combate, se for preciso, para que a Revolução continue, para que Portugal vá mais depressa e melhor! Eu sei que essa é a vontade irresistível de todos os presentes; para o demonstrar peço que, à uma, de pé, de braço bem estendido,

Ala Portugal!

Viva o Estado Novo!

Viva Salazar!

Viva a Revolução Corporativa!

Fala o representante dos Sindicatos de Setubal.

O sr. Abel Mesquita é o orador que se segue, e que em termos eloquentes pediu uma depuração em toda a Nação para que sejam afastados os maus portugueses que a envergonham, alguns dos quais ganhando dinheiro ao Estado.

O sr. dr. Castro Fernandes segue-se no uso da palavra.

Afirma o orador que o marxismo não existe. O que há é apenas moscovitismo «que quiere dizer expansão imperialista do capitalismo russo, invasão desesperada e feroz do Mundo civilizado pelo barbarim asiático».

Fala o sr. major Ricardo Durão.

Aplaudidissimo foi o discurso do sr. major Durão, pela importância e verdade das suas pala-

Continua na 3.ª pag.

A Assembleia geral do dia 10

decorreu animada, tomando-se importantes resoluções

Sob a presidência do camarada Arnaldo Custódio, secretariado pelos camaradas Julio Correia Felix e Manuel Câmara, realizou-se no passado dia 10, como previamente tinha sido anunciada, a assembleia geral extraordinária da classe, para tratar do problema dos embarques por fora do decreto, assunto que «O Assistente ao Emigrante» largamente abordou no seu último número.

Presentes 33 associados, número resumido, demonstrativo duma errada noção de interesse colectivo, que é preciso combater a todo o transe.

De início o presidente da mesa explicou os motivos porque tomava a presidência — a demissão do respectivo presidente e ausência do vice, recomendando atenção bastante para a importância dos assuntos que se iam discutir.

Na meia hora antes da ordem, tomou a palavra o camarada Alexandre Martins Ramos, que fez várias considerações sobre o pagamento da renda que a Caixa de Auxílio faz ao Sindicato, pagamento que aquele camarada não achava justo, pelo que enviou para a mesa a seguinte proposta:

«À data da fundação da Caixa de Auxílio, como tivesse vida própria isto é, fôsse dirigida pelos seus membros privativos e ocupasse uma dependência do Sindicato, que é hoje sala de senhoras, resolveu-se que a Caixa pagasse dos seus fundos ao Sindicato a importância de 150\$00 mensais pela ocupação daquela dependência, o que era justo. Porém, a Caixa de Auxílio, em virtude daquela resolução deixou, desde Fevereiro passado de ocupar espaço algum neste Sindicato, não vendo eu razão para que venha sofrendo tal desconto e nestes termos, tenho a honra de propor que a assembleia geral se manifeste sobre se: 1.º — Se tal desconto se deve manter; 2.º — Caso esta proposta seja aprovada, se tal desconto cessa apenas a partir da data desta assembleia geral; 3.º — Se as importâncias pagas pela Caixa de Auxílio durante os meses de Fevereiro a Julho, devem ser repostas naquela Caixa».

Sobre o assunto fala o camarada presidente da mesa que discorda por completo da matéria da proposta, afirmando que nesta ocasião, não só pelo facto da renda da casa ser elevada, como ainda pelo facto do Sindicato não ter inquilino, a matéria da proposta não é de aprovar.

Na mesma ordem de idéias fala o camarada Artur José Pereira, que defende o princípio exposto pelo presidente da mesa, pronunciando-se porque a Caixa continue a pagar a sua renda visto que o Sindicato não pode sósinho arcar com a despesa da renda, e a Caixa manter dentro da sede os seus serviços.

Toma a palavra o camarada Bernardino dos Santos, presi-

dente da direcção. Com os números das receitas mensais e despesas respectivas, o presidente da direcção provou à Assembleia que o Sindicato não pode prescindir do auxilio da renda que a Caixa paga. Provou ainda aquele camarada como era de direito e justiça que a Caixa pagasse a sua renda, uma vez que dentro da sede mantém os seus serviços, e que se não tem um gabinete próprio foi para comodidade dos dirigentes da mesma, que é a própria direcção.

O camarada Manuel Henriques fez uma pergunta à mesa sobre os inquilinos do Sindicato, à qual o presidente da mesa respondeu, satisfatoriamente.

Volta a fazer uso da palavra o autor da proposta, que em votação foi rejeitada.

Em seguida o camarada António Marques de Sousa justifica e manda para a mesa uma proposta sobre a situação do companheiro Candido Xavier Ferreira, documento assim concebido:

Proposta: — Atendendo a que o camarada Candido Xavier Ferreira, por declarações feitas a diversos associados, e também por

escrito à direcção, numa opposição que lhe enviou, e que foi lida à assembleia, se confessa arrependido de ter infringido os Estatutos;

Atendendo a que o tempo de suspensão já sofrido foi castigo suficiente para afirmar e servir de exemplo a todos os associados, proponho:

- 1.º — Que seja levantada a suspensão aplicada ao sócio Candido Xavier Ferreira e o mesmo incluído na escala de criadas;
- 2.º — Que a Direcção de participação do facto às entidades superiores para que seja legalmente inscrito;
- 3.º — Que a direcção determine com o referido sócio, as condições do pagamento das cotas das viagens que fez, durante o tempo em que esteve suspenso, não só para o Sindicato, como para a Caixa de Auxílio.

Sobre a proposta usou da palavra Bernardino dos Santos, que fez o elogio de Candido X. Ferreira, sobre a sua competência profissional, censurando embora

O Comício anti-comunista

Continuação da 2.ª pag.

vas. Recortemos ao acaso uma passagem, tantas foram as que mereciam ser citadas:

Nós, militares, desejamos conquistar o apoio e a simpatia das massas operárias, não para nos servirmos delas, como os comunistas, mas para as servirmos nos seus direitos legítimos e nas suas justas reivindicações. Enquanto houver em Portugal um lar sem pão — diz o sr. dr. Salazar — a revolução continua. Mas é a revolução pela ordem, a revolução pela orgânica, porque sem orgânica e sem ordem não há socorro nem assistência possível.

O sr. capitão Jorge Botelho Moniz, encerra os discursos propondo a formação da «Milícia Nacionalista».

Esperado com ansiedade o discurso do sr. capitão Botelho Moniz não desiludiu da expectativa.

Eis algumas passagens:

Como disse Salazar, temos doutrina própria, temos força para a difundir. Não nos limitamos a negar as idéias dos outros — desejamos afirmar o que são as nossas. Não nos limitamos a reparar o que o comunismo tem avariado — vamos mais longe e queremos casa mais ampla mais saudável mais rica e mais forte.

Para isso temos que combater não só o comunismo, mas as causas que lhe dão origem. Para isso temos que combater não só essas causas, mas outros males que de longe vêm.

Nesse combate sejamos violentos, sejamos duros, sejamos tenazes — mas

sejamos também justos, leais e generosos.

Não esqueçamos que muitos dos iludidos ou dos maldizentes que berram e protestam contra a Pátria — são vítimas da falta de educação e de cultura. Foram abandonados na rua, sem religião, sem escola, sem moral e quantas vezes sem pão. Antes de apontarmos culpas aos mais, lembremo-nos das nossas próprias culpas. E elas são imensas. Datam de muitas dezenas de anos. São as culpas do egoísmo e da indiferença. Pesa-me ver rapazes, crianças quasi, na idade aberta a todos os entusiasmos são, na idade em que nós outros só pensávamos em gestos de abnegação e de sacrificio — apparecem-nos desalentados como velhos, doentes de corpo e tristes de alma, eivados de rancor e cegos de inveja só pensando em destruir, em aniquilar, em satisfazer instintos bestiais!

Findo o seu discurso sempre muito aplaudido, o sr. capitão Botelho Moniz leu a moção solicitando do Governo a organização duma legião cívica. Devido à sua extensão publicamos apenas a parte final.

Os nacionalistas pedem por isso ao Governo que seja permitida a organização duma legião cívica destinada a enquadrar todos aqueles que por um acto consciante e voluntário e aceitando de coração alto os maiores sacrificios dêem um passo em frente e acorram a esta chamada em defesa de tudo o que temos de mais sagrado.

Terminada a leitura que a multidão recebeu com longos aplausos, foi encerrada a grandiosa e memorável reunião.

o seu procedimento, declarando, em nome da direcção, não combater a doutrina da proposta.

O presidente da mesa fez idênticas considerações, afirmando concordar com a suspensão do castigo. O camarada Joaquim dos Santos, expressa também o desejo de que Candido Xavier Ferreira reingresse, nas condições expostas pelo presidente da direcção.

Por fim, foi aprovada por unanimidade, a proposta de António Marques de Sousa.

Entra-se na ordem dos trabalhos. Explica o presidente da mesa as razões que deram origem à reunião, e qual a forma como a direcção se propõe resolver o problema dos embarques fora do decreto.

O camarada presidente da Direcção começa por lamentar o reduzido número de associados presentes. História a questão com larga soma de argumentos, desenvolvendo ponto por ponto a proposta que vai ser discutida. Diz dos esforços da direcção para que o serviço se faça sem atritos, nem descontentamentos, terminando por dizer que como a direcção propõe resolver o assunto se espera obter grande êxito.

É lida a proposta, que publicamos integralmente no passado número.

Na sua discussão entram os associados Alfredo José d'Agrela, Joaquim dos Santos e Luciano. Por fim a proposta foi aprovada por unanimidade.

Faz a seguir uso da palavra Artur José Pereira, requerendo para que fique exarada na acta o seu mais veemente protesto contra a ausência dos seus colegas enfermeiros à assembleia, ausência que classifica de criminosa, visto que o Sindicato é de todos e ninguém se pode desinteressar dos seus problemas.

É depois abordada a questão do pagamento pela Caixa, das participações de doente, passadas pelo médico privativo.

Depois do presidente da direcção ter demonstrado as vantagens que a Caixa usufrue com o médico privativo, medida que não pode ser posta de parte, foi posta a questão se deve ser a Caixa ou o sócio que pague a consulta para a passagem do respectivo atestado.

Falaram vários sócios, entre eles António Marques de Sousa, Arnaldo Custódio, Joaquim dos Santos, manifestando várias opiniões, até que é aprovada uma proposta do tesoureiro Francisco Sanches, concebida nos seguintes termos: «Proponho que seja a Caixa de Auxílio a pagar as consultas, aos sócios, e os atestados passados pelo médico da mesma Caixa, para efeitos de recebimento de subsídio. Esta proposta foi aprovada por maioria de 19 votos contra 8, em votação nominal requerida por Bernardino dos Santos.

Foi depois encerrada a sessão, às 19,30 horas.

Ainda o embarque de cosinheiros portugueses, em navios estrangeiros

Mais uma vez vamos abordar a questão do embarque de cosinheiros portugueses em navios estrangeiros, para serviço dos nossos emigrantes.

Se insistimos neste assunto, é porque dia a dia a experiência vem demonstrando a necessidade do embarque deste profissional. Não se veja nestas palavras unicamente o nosso interesse em dar trabalho aos nossos associados; uma razão de mais alto valor nos move: a comodidade do emigrante.

A lei de emigrante portuguesa não obriga ao embarque deste profissional, e não se sabe porque razão o autor do regulamento não previu esta necessidade.

Mas nós, que servimos o emigrante, que dia a dia com ele privamos podemos afirmar alto e bom som que o emigrante se elogia a nossa organização nunca deixa de lamentar a espécie de comida que lhe servem, comida que ele não tolera, quer pelo gosto, quer pela qualidade.

E tão eloquente é esta verdade, que algumas companhias matriculam em Portugal, espontaneamente, um cosinheiro, para que a sua passagem lhes dê a preferência. E' o caso dos barcos ingleses.

A não ser estes, nenhum mete cosinheiro português, servindo ao emigrante comida confeccionada pelos cosinheiros da sua nacionalidade.

Vamos abordar um exemplo. Todos conhecem a excelência dos barcos italianos que fazem a carreira da América do Norte. Esses barcos são o Vulcania, o Saturnia e por vezes o Roma.

As acomodações de camarote dos emigrantes são das melhores, amplos "decks" e confortáveis, quasi que luxuosos os salões de jantar. Há asseio e conforto por todos os lados.

Mas a comida, a comida é o grande martírio dos emigrantes. Além do macarrão com queijo ralado, prato obrigatório em todas as refeições e o prato forte das mesmas, outras especialidades que o português não traga, nem à força.

E' ao creado português que eles confiam o seu desgosto, afirmando alguns que preferem embarcar em vapores de outras nacionalidades, que desembarcam em Bordeus ou Marselha, a ter de suportar tal alimentação.

Com os alemães acontece o mesmo.

Estes navios não metem um único português para o serviço de bordo, além dos que a lei portuguesa obriga.

Dir-se há que os prejudicados são as companhias, mas também é certo que ao nosso Governo

Os que morrem

D. Elvira da Conceição Dias
Batista Sarafana

Fomos há dias desagradavelmente surpreendidos com a comunicação feita pela Agência Pinto Basto, ao Sindicato, da morte da nossa querida colega D. Elvira da Conceição Dias Batista Sarafana.

Esta infeliz colega faleceu no Rio de Janeiro, no dia 10 de Agosto, no vapor "Hig. Monarch", tendo-se enterrado no cemitério do Rio de Janeiro.

Assim é esta ingrata e difícil profissão, em que a morte nos pode surpreender longe dos seres queridos.

Elvira Dias Batista era uma colega que tinha toda a nossa simpatia, pelas suas boas qualidades de caracter e de trabalho.

Por isso a sua morte foi muito sentida.

A família enlutada apresentamos os nossos sentidos pesames.

Carta aos Enfermeiros

Presados Camaradas:

Lanço mais uma vez a mão à pena para, nas colunas do nosso jornal, baluarte da defesa dos nossos interesses, lhes fazer ver quanto é necessária, a nossa presença no nosso Sindicato.

Eu julgo que não é só no nosso lar no ambiente da família que devemos viver. Se nesse mesmo lar à um tempo para cá temos encontrado um ambiente de maior conforto, motivado por garantias que conquistamos, por intermédio do Sindicato.

Por essa razão temos o dever sagrado de empregar todos os esforços morais e materiais, para que a sua grandeza seja o que na realidade deve ser: um Sindicato Nacional.

Lamentável é dizer-lo que a maioria dos Camaradas abandonam a sede do Sindicato.

Não julguem que é só ir pagar as cotas e receber guia de embarque. Puro engano.

É preciso que todos frequentem o mais possível a nossa sede, que vivam de perto com os Ca-

maradas, que ali trabalham porque, e doloroso citá-lo aqui, que nem na própria assembleia Geral aonde se debatem assuntos de grande interesse para os enfermeiros, a ausência destes seja completa. Não posso deixar de citar que da classe dos Enfermeiros apenas, dois são os camaradas que permanecem firmemente no Sindicato em contacto directo com os outros Camaradas; apreciando de perto todos os trabalhos, coadjuvando-os em tudo que é preciso à vida de um Sindicato.

É dele que, quando nos sentimos lezados nos interesses da nossa profissão, adquirimos meios de providências ante as estâncias superiores. Camaradas o Estado Novo organizou os Sindicatos Nacionais como casa sagrada dos que trabalham e é dentro deste organismo que nós devemos estudar ou pelo menos assistir aos estudos dos problemas que directamente nos interessa.

Por esse motivo todos devem frequentar, por um dever, o Sindicato, porque afinal somos todos trabalhadores, embora com diferentes categorias. Não importa, sejamos todos iguais sem vaidades nem desprezos pelos que finalmente são tanto como nós na vida. Sejamos bons irmãos e Camaradas e com alma nacionalista defende-nos o Sindicato como defensores dos nossos direitos.

Ao Sindicato Camaradas!

Artur José Pereira

Escala de Navios

PARA O NORTE:

| Dias | Vapores | Cais | |
|------|-------------------------------|---------------------|--------|
| 5 | — Arlanza | Alcantara | Lisboa |
| 6 | — H. Chieftain | Rocha | " |
| 8 | — António Delfino | " | " |
| 11 | — Alcantara | Alcantara | " |
| 16 | — Saturnia | Rocha | " |
| 18 | — General Artigas | " | " |
| 20 | — H. Pricesse | " | " |
| 20 | — Hilari | Alcantara | " |
| 23 | — General S. Martin | Rocha | " |
| 30 | — Lipari | " | " |

Escala de Navios

PARA O SUL:

| Dias | Vapores | Cais | |
|------|------------------------------|-----------------------|---------------|
| 2 | — Highland Patriot | Alcantara | Lisboa |
| 5 | — Massilia | Rocha | " |
| 5 | — Anselm | Alcantara | Toca no Porto |
| 7 | — Cap Arcona | " | " |
| 8 | — Karguelem | E. Colonial | Toca no Porto |
| 8 | — Asturias | Alcantara | " |
| 10 | — Monte Pascoal | " | " |
| 16 | — Highland Monarch | " | Toca no Porto |
| 17 | — Vulcania | Rocha | " |
| 17 | — Madrid | Alcantara | Toca no Porto |
| 22 | — Arlanza | " | " |
| 23 | — Monte Sarmiento | " | " |
| 24 | — Jasnaipir | " | Toca no Porto |
| 30 | — H. Chieftain | " | " |

também compete velar pela comodidade do emigrante.

E como assim é, insistimos: Não seria possível, embora por ordem de serviço obrigar as companhias a meter um cosinheiro para qualquer número de emigrante?

CASTIGOS

Por despacho do Ex.^{ma} Sr. Director dos Serviços, foi excluída do quadro efectivo a criada Sofia da Natividade Vieira.

Este numero foi visado
pela Comissão de Censura

SINDICATO

Resumo do movimento de caixa
no mês de Julho de 1936

| CONTAS | | DÉBITO |
|---------------------------|--|-----------|
| Saldo anterior | | 1.600\$00 |
| Cotas | | 960\$00 |
| Rendas | | 300\$00 |
| Despesas Gerais | | 102\$65 |
| Telefone | | 4\$00 |
| Utensilios | | 732\$00 |
| Total | | 3.699\$55 |

| CRÉDITO | |
|-----------------------------|-----------|
| Rendas | 469\$30 |
| Despesas Gerais | 183\$60 |
| Utensilios | 1.678\$20 |
| Expediente | 12\$00 |
| Empregados | 290\$00 |
| | 2.633\$10 |
| Saldo para Agosto | 1.066\$46 |
| Total | 3.699\$55 |

JORNAL

Resumo do movimento de caixa
durante o mês de Julho de 1936

| CONTAS | | DÉBITO |
|--------------------------|--|---------|
| Saldo anterior | | 729\$00 |
| Cotas | | 140\$00 |
| Total | | 869\$00 |

| CRÉDITO | |
|-----------------------------|---------|
| Tipografia | 180\$00 |
| Despesas Gerais | 36\$00 |
| Redacção | 75\$00 |
| | 291\$00 |
| Saldo para Agosto | 578\$00 |
| Total | 869\$00 |